

DEPÓSITO LEGAL

32

FEB 1942

MUNDO GRÁFICO



O
hipismo
converteu-se num
dos
mais elegantes
desportos
das raparigas
portuguesas



B. B. C.

A Voz de Londres fala e o Mundo acredita

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15 noticiário	G B Z . .	13,86 m. (21,64 mc/s)
12,30 actualidades	G S O . .	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*) noticiário	G S C . .	31,32 m. (9,58 mc/s)
21,15 actualidades	G S B . .	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T . .	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em
24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V

Sumário

JOHN GIBBONS, PRÉMIO DE 1929, escreve ao «Mundo Gráfico»

REFLEXOS DO MUNDO

ARTUR CONINGHAM, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «Observador»

AS TROPAS DE CHOQUE BRITANICAS

CAVALGADA DE BELEZA, de R. de M.

FALA O MINISTRO DA NORUEGA, por S. Saboya

A BATALHA DO BUÇACO

FOGO!

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

A FORÇA E O DIREITO, dupla página

JANELAS DE LISBOA, por Norberto de Araujo

A CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão

SAUDADES DE PORTUGAL

A MAIOR AVENTURA AÉREA DESTA GUERRA

UM MESTRE DA ESTATUÁRIA

FIGURAS E FACTOS

ACTUALIDADES INTERNACIONAIS

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

O PIANISTA, novela de Guedes de Amorim

A LENDA DA RAÍNHA MARGARIDA, de Bertha Leite

CINEMA, de António Lourenço



Crónica de aldeia

Capa de J. Lobo

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

ã venda em todas as farmácias e drogarías

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



MCCAMPOS

CREMES E PASTAS
DE AMÊNDOAS

Rainha da Hungria

SÃO PRODUTOS M.^{CMC} CAMPOS



Academia
Científica de Lisboa

2
produtos indispensáveis
à beleza da sua pele

Avenida da Liberdade, 35
LISBOA

JOHN GIBBONS

(PRÉMIO CAMÕES DE 1939)

escreve ao «Mundo Gráfico»

Actualmente passo todas as noites pelo menos, um quarto de hora num posto de sinalização ferroviária. Tenho de esperar e aproveito o reconfortante fogão do guarda. Além disso interessa-me imenso tudo o que se refere a combóios. Fui sempre um amator entusiasta, e como já viajei de combóio em cerca de trinta países julgo canhecer um pouco desses assuntos.

Devemos ser francos e leais, acima de tudo. Sei muito bem que os ingleses não tinham os combóios mais rápidos da Europa. Esse era o Estrêla do Norte de Paris a Bruxelas. A linha, porém, não era bastante sólida para tal velocidade, e o combóio costumava projectar os passageiros de um lado para o outro das carruagens. Temos um expresso na Inglaterra onde se tentou certa vez a experiência de encher um copo de água e colocá-lo no estribo. Após duas horas de marcha, a 60 milhas à hora, nem uma gota se entornára. Havia também um combóio muito rápido entre Berlim e Hamburgo, de propulsão aérea, e provido de uma hélice de zepelin. Experiência brilhante, pensaria, eu, se desse resultado, o que não aconteceu.

Há combóios muito mais luxuosos que os nossos. Alguns dos pullmans, da América, eram, de facto, transportes de milionários. Na Europa penso que Sud express de Irun a Madrid e Lisboa era provavelmente o mais caro. Não temos nada de semelhante, e, de facto, os nossos princípios são inteiramente diferentes. O passageiro de 1.ª classe num expresso inglês paga um pouco mais de conforto e bastante mais espaço. Mas a sua bolsa não adquire velocidade extraordinária: viaja, simplesmente, no mesmo combóio dos dois passageiros da 3.ª classe.

Gloriamos-nos desses combóios ingleses serem os que têm melhor média no mundo, de velocidade, segurança, conforto e preço. Não que não tivéssemos muito rápidos! Duzentas milhas em três horas e um quarto dá a média de 60 milhas por hora (não é?) e tinhamos muitos combóios desses. Tinhamos até alguns que percorriam 400 milhas sem parar, e faziam-se em menos de 7 horas. Por isso julgo que os nossos combóios eram, de facto, os melhores do mundo. O combóio que perfazia 300 milhas em 3 h. leva agora 4 horas: o combóio que percorria as 400 milhas em percurso directo, para agora três vezes no seu percurso. Essas velocidades, parecem não ser más, depois de decorridos mais de dois anos de guerra. Os passageiros podem ainda estranhar a extinção de luzes que é agora completa. Evidentemente, nos primeiros dias do conflito, em 1939, estávamos um tanto desorganizados. Ninguém na Inglaterra esperava a guerra. Rápidamente, conseguimos organizar as coisas. Os tramueis e suburbanos, têm uma luz muito ténue e se o passageiro não pode ler o jornal, não causa grande transtorno pois apenas passa no combóio um escasso quarto de hora. Os combóios de longo curso caminham iluminados, tam brilhantemente como dantes, tendo apenas cortinas nas janelas.

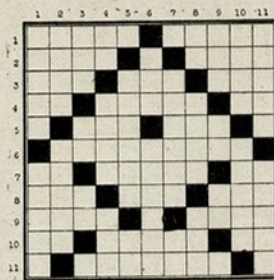
Está tudo perfeitamente organizado. As linhas férreas não sofreram, nem por sombras, aqueles graves estragos que certas propagandas pretendem fazer crer. Houve, contudo, algumas bombas felizes. Eu viajei por duas vezes em rápidos, em cujas linhas precisamente, na nossa frente, bombas tinham feito crateras. Em nenhum caso houve acidentes. Apenas se esperou interminavelmente, e depois o combóio foi desviado para outro percurso. Num país tam urbanizado como a Inglaterra há sempre 3, senão 4 ou 5, trajectos ferroviários alternados entre as nossas maiores cidades. É absolutamente impossível paralisar o tráfego. Depois de cada um dos meus dois incidentes, dentro de alguns minutos, havia turnos de pessoal a reparar a linha. Como vedes, estávamos perfeitamente preparados para as emergências. Até o meu amigo guardá tem pendurados no cabide, à altura do cotovelo, o capacete de aço e a máscara anti-gás. E se houver um raid aéreo fará funcionar os sinais, de capacete de aço na cabeça.

Todos são combóios de mercadorias. Os passageiros hoje ocupam o 2.º lugar. Esses combóios de mercadorias colaboram no nosso esforço de guerra. Carvão para estes fornos do aço, peças de avião para tal localidade, munições, canhões, tudo. O meu guarda e o seu adjunto dizem-me que isto continua toda a noite, 24 horas por dia e 7 dias por semana. O modesto combóio que me transporta para o meu trabalho noturno de guerra quasi não conta. As mercadorias têm a prioridade e se por acaso, há alguma rara complicação, o meu combóio, segue atrasado.

Atrasado quanto tempo? Vou-vos dizer. Tenho esperado naquele posto de sinais um período que nunca foi além de um quarto de hora.

PROBLEMA N.º 32

VERTICAIS



HORIZONTAIS

- 1 — Arrostar. — 144 unidades.
- 2 — Arranco. Antepassados.
- 3 — Tenha amor. — Modo característico. Actuei.
- 4 — Presenteia. — Do ar. — O mais (ant.)
- 5 — Consoantes de «caloiro». — Levante ao ar.
- 6 — NOME DO COMANDANTE DAS TROPAS NORTE AMERICANAS NAS FILIPINAS.
- 7 — Alto! — Tem aversão. — Proposição e artigo.
- 8 — Pronome pessoal. — Óleo (inglês) Lado de um edifício.
- 9 — Range. — Cordas de reboque
- 10 — Ao longe. — Uso de uma expressão em sentido figurado. — Nota musical.
- 11 — Terra de moiros.

- 1 — Acanhado. Peça com que se faz soar um piano.
- 2 — Montão. Mancha na pele.
- 3 — Supõe. — Entre nós. — Interjeição.
- 4 — Proposição e artigo. — Curvatura de abóbada. — Ligo.
- 5 — Guarnecido de tela. — Alegria-se.
- 6 — Senhor (inglês). — Director de uma corporação escolar ou religiosa.
- 7 — Pequena moeda anrígua que valia um sexto de real. — Peça de ferramenta.
- 8 — Batráquio. — Lenha rachada para combustível. — Modo de dizer.
- 9 — O ovário dos peixes. — Pronome pessoal. — Prep. e artigo.
- 10 — Correo para se segurar o jugo (dos bois). — Apoquentam.
- 11 — Guardia. — Areal coberta de vegetação nos desertos.



Solução do Problema n.º 31

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA
CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas

- Comerciais
- Portáteis
- Somar
- Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO. COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º
Telefones: 2 1802 - 2 1803

R. Sá da Bandeira, 69-2.º
Telefone: 1 276

REFLEXOS DO MUNDO

Biografia de Churchill



Parece que a grande figura do Primeiro Ministro britânico vai ser fixada na tela na capital da cinelândia.

Em vida, Churchill é já imortal pelo que fez e pelo que representa no mundo. Segundo informava recentemente uma agência, certa empresa cinematográfica americana encara a possibilidade de fazer um filme sobre a sua vida.

Muitas outras figuras têm tido a consagração do écran. O soldado, o escritor, o político e membro de oposição, o nobre descendente de Malborough em cujas veias corre também o sangue americano, o orador de palavra vibrante, são bem dignos do cinema. Acima de tudo, porém, é o símbolo da vitória, encarnação viva da alma britânica. Na sua ilha, como na ponte dum couraçado, disse aos inimigos perante o espanto do mundo:

— Antes viver com honra, dignamente, do que viver a vida inteira ajoelhado aos pés do vencedor!

Padrinhos ilustres

O sr. Eduardo Augusto de Carvalho, nosso assinante, comerciante na freguesia de Paranhos, concelho de Carrazeda de Ansiães, é um entusiasta pela causa dos aliados. Não perde nunca a oportunidade de manifestar a sua admiração pela velha Inglaterra, atribuindo aos seus filhos nomes ilustres. Assim, ao rebentar esta guerra, escolheu para um rebento o nome de Eduardo Eden, em homenagem ao conhecido ministro britânico.

Agora, novamente apresentado com um filho, quiz chamar-lhe António Churchill, manifestando assim a sua admiração pelo grande primeiro ministro da Gran-Bretanha.

Aos filhos do nosso assinante e sincero adepto da causa aliada desejamos que os notáveis nomes que lhes servem de padrinhos honorários sejam para eles exemplo das mais altas virtudes.

Cartezianismo

Descartes, além do raciocínio perfeito, como bom filósofo que era, apreciava a boa mesa.

Jantava ele certo dia, quando um fidalgo, gastrónomo excelente mas sem qualquer espírito, lhe disse:

— Com que, então, os filósofos também apreciam as boas iguarias?

E Descartes, sem se desmanchar:

— Pensa você que Deus fez todas as coisas boas, apenas, para satisfação dos tolos.

Nova linha férrea



Está a concluir-se rapidamente, através de montanhas, um caminho de ferro ligando Yunnan à Birmânia que desempenhará um papel importante nas comunicações ferroviárias com a China. As autoridades chinesas, assistidas por técnicos norte-americanos, empreendem os maiores esforços para uma rápida inauguração da via.

O troço da nova linha — medindo 90 milhas de comprimento — que serviu ao transporte do material ferroviário, foi construído apenas em 50 dias, por 1.500 chineses, trabalhando 12 horas diárias.

O poder naval dos E. U.



No próximo ano, o número total de operários construtores de navios mercantes nos Estados Unidos subirá a perto de 1.000.000. Este aumento, segundo informa o Almirante Lang, será mais do que suficiente para se atingir o número, marcado pelo Presidente Roosevelt, de

10.000.000 de toneladas em 12 meses. A razão por que agora se podem construir navios muito mais depressa do que na última guerra é fácil de perceber: as chapas são soldadas em vez de rebitadas. É mais rápido instruir um soldador do que um rebitador.

A Comissão Marítima afirma que pode edificar um novo estaleiro e nele construir e acabar navios no prazo de 10 meses. Num certo estaleiro, por exemplo, assentaram as carceiras para os navios, em Março, as quilhas em Abril e lançaram os barcos em Setembro. Com novos turnos e mais pessoal, o ritmo será ainda acelerado.

A construção de 8.000.000 de toneladas de navios, no ano corrente, significa a construção de mais 200 unidades do que no tempo do antigo programa. Assim, serão construídos 800 navios este ano. Para o ano próximo, e a fim de atingir os 10.000.000 de toneladas, a América construirá nada menos de 1.000 navios. Os navios terão, aproximadamente, 10.000.000 de toneladas e todos possuirão as mesmas características. Serão designados por «Navios da Liberdade».

Guerra e beleza

Dorothy Lamour, a encantadora estrela do cinema de mudeixas admiráveis, que no écran tem interpretado as figuras mais extraordinárias de índias apaixonadas, vibrantes e rebeldes, não foi admitida, nos Estados Unidos, numa fábrica de aviação. Oferecera-se como voluntária, mas no interesse da produção de guerra não puderam aceitar os seus serviços.

Um dirigente da fábrica explicou: — Enquanto uma mulher tão bela passeia pela fábrica os



Os Estados Unidos na guerra



O mais alto arranha-céus do mundo

(De um jornal inglês)

operários distraem-se, e tal distração representa um milhar de horas de trabalho de um deles.

Esse milhar de horas é metade de um bombardeiro. A guerra é muito dura para que os homens se preocupem agora com essa radiosa visão que se chama Dorothy Lamour.

Não ficava nada

Manuel Fragozo estreava-se no D. Maria II com a sua peça «Outono». No dia seguinte, à porta da «Brasileira», um amigo disse-lhe:

— Sabes, gostei imenso da tua peça. Mas... se lhe tens tirado aquela cena do primeiro acto... Não achas?

Minutos após, outro amigo passa e exclama:

— Parabens, Fragozo. Optima peça. Mas, se eliminasses aquela cena do segundo acto... Ora vê bem.

Mal este acabara, outro conhecido do comediógrafo vai felicitá-lo e dispara-lhe:

— Formidável, amigo. Sim senhor, uma excelente peça. Olha: mas não concordas que talvez ficasse melhor se cortasses aquela cena do terceiro acto...

Alguém que assistira a todos estes conselhos, diz:

— O Fragozo! — afinal o que ficava?

— Nada... e talvez a peça fôsse melhor, de facto.

Quere ganhar dinheiro?

Anuncie no MUNDO GRÁFICO

O TRABALHO DO TEMPO



ARTHUR CONINGHAM

Ó vice marechal do Ar, Arthur Coningham tem actualmente quarenta e seis anos. Iniciou a sua carreira na Nova Zelândia onde se encontrava quando se iniciou a conflagração de 1914-18. Incorporado imediatamente numa unidade em operações tomou parte na ocupação da ilha de Samoa e acompanhou o corpo de tropas de desembarque a que foi confiado o encargo temerário de conquistar Gallipoli. Deu, em combate, provas de uma bravura sobrehumana. Os seus feitos deram-lhe rapidamente uma celebridade de que se estendeu dos meios restritos dos «sanacs», ao meio britânico e aos contingentes de tropas aliadas. Naturalmente foi destinado a continuar em França, onde se decidiu a sorte da guerra, uma carreira já esmaltada de actos de heroísmo. «Combate como um tigre» costumavam dizer os seus camaradas.

Ingressou no corpo de aviação britânico (Royal Flying Corps) da época, distinguindo-se rapidamente pela sua pericia e arrojio. Ai se conservou durante a primeira e a segunda conflagração mundial conquistando os mais altos postos. Instrutor especializado em 1930, entrou dois anos depois para o Estado maior da aviação. Comandou unidades de aviação, desempenhou funções terrestres e serviu como elemento de ligação no Iraque, no Egipto e em vários outros pontos do Próximo Oriente. Em 1937 assumiu o comando da estação da R.A.F. de Calshot. Quando se iniciou o actual conflito tomou a direcção dum grupo de aviação de bombardeamento com sede no norte do país. A sua experiência dos países do ultramar, das suas necessidades militares e das condições militares em que a guerra ali tem de se organizar indicaram rapidamente o nome do marechal do Ar Coningham para um posto de maior responsabilidade naquelas paragens. No decurso em que tem exercido o comando da aviação empenhada na ofensiva da Líbia confirmaram, de maneira decisiva a sua reputação e as suas excepcionais qualidades.

Em Setembro de 1939, a Gran-Bretanha entrou em guerra contra o Reich. Tinha, então, dois aliados no continente europeu: a Polónia, a leste, a França a oeste. Em Junho de 1940, tinha perdido esses dois aliados e a Juta que, até aí, conduzia apenas contra o Reich passou a ser também conduzida contra a Itália. Os teatros de operações confinados, durante alguns meses, à Europa, multiplicaram-se, de maneira ameaçadora, estendendo-se pelo norte de África, pelo Próximo Oriente e por determinadas regiões da Ásia.

Em Junho de 1941, com a entrada das tropas alemãs em território soviético, a U. R. S. S. e o Reich envolveram-se em hostilidades. Inglêses e russos, defrontando um inimigo comum, concluíram contra êle uma aliança ofensiva e defensiva. Em Dezembro do mesmo ano, o Japão aliado da Alemanha e da Itália, atacou as bases navais e aéreas que os Estados Unidos tinham estabelecido no Pacífico. O primeiro daqueles países estava já há quatro anos em luta com a China. Assim, a Gran-Bretanha encontrou-se aliada à U. R. S. S., aos Estados Unidos e à China.

A situação criada no outono de 1939 em virtude da atitude alemã evoluiu de maneira radical. Nos acontecimentos ocorridos ha trinta meses estava o embrião daqueles a que assistimos. A diferença entre uns e outros é profundíssima. Winston Churchill, em Inglaterra, Paul Reynaud, em França, Franklin Roosevelt, nos Estados Unidos, aperceberam-se oportunamente do carácter profundo da transformação operada.

Entre a aliança continental restrita com a França e a Polónia, e a aliança mundial com as maiores potências da terra, a Gran-Bretanha percorreu um caminho árduo e semeado de perigos. Desde que, em Maio de 1940 se constituiu o gabinete de união nacional presidido por Winston Churchill, ninguém alimentou quaisquer dúvidas sobre a firmeza da decisão britânica de alcançar a vitória, uma vitória total, quaisquer que fossem os sacrifícios a suportar e quaisquer que fossem os obstáculos a remover.

Quando se dizia que o tempo trabalhava a favor da Gran-Bretanha a expressão era rigorosamente apropriada. Os sentimentos pacíficos dos seus habitantes, as tendências civilisadoras da sua actividade colectiva, o sentido de equilíbrio e de respeito pelos compromissos tomados, que impregnava a sua política externa, não permitiam ao Império britânico que fizesse uma preparação militar idêntica à que os seus adversários levaram a um limite extremo. Essa impreparação continua a constituir, perante as exigências do futuro e os juizes da história, o melhor testemunho das verdadeiras intenções da Gran-Bretanha.

Uma vez passado o momento crucial em que as melhores energias dos seus filhos podiam ter sido abatidos, tornou-se evidente que os recursos inexgotáveis da maior comunidade de nações que o génio do homem até hoje criou seriam postos ao serviço da causa da salvação nacional.

A batalha diplomática traduz-se, neste momento, por uma aliança decisiva com os outros três grandes impérios mundiais. A batalha militar, com as vitórias que impediram a invasão e asseguraram o livre trânsito das vias de comunicações imperiais (Suez, Cabo, Índia, Atlântico) aparece representada pela posição predominante que os ingleses alcançaram em todos os continentes e em todos os mares e pela paridade aérea com o seu principal adversário. A batalha da produção, afastados os aviões alemães do céu da metrópole e assegurado definitivamente o auxílio norte-americano, está simbolizada na situação económica do Império e no ritmo crescente das suas construções.

O OBSERVADOR

General Carmona

A nobre figura do General Carmona vai, no próximo dia 8, ser mais uma vez consagrada pela Nação. O nome proposto ao sufrágio reunirá o voto de todos os portugueses.

Não é uma escolha, mas um imperativo nacional que o Presidente da República aceita num admirável exemplo pelo bem comum. No primeiro posto da Nação, êle continuará como até aqui com, sacrifício da sua delicada saúde, a guiá-la com indefectível patriotismo e aquela ponderação, equilíbrio e dignidade que caracterizam a sua vida austera de militar. O espirito, a elegância, a afabilidade espontâneas e naturais do Chefe do Estado, aliados ao seu inextinguível tacto, são bem conhecidas de todos os portugueses que o envolvem na mesma admiração.

O «Mundo Gráfico» prestará, no seu próximo número a devida homenagem ao General Carmona.

O futuro mundo

As repetidas conferências entre os países aliados e as reuniões das personalidades responsáveis, em Londres e noutras capitais aliadas, deixam entrever que as linhas essenciais da paz foram já fixadas, política, geográfica e militarmente.

Tudo indica que não se repetirão os erros da outra paz. Foram elas que permitiram a ressurreição do espirito bélico postergando os princípios essenciais da justiça, da honra dos povos, dos seus direitos. Vai nascer um mundo melhor? Sem dúvida! Acreditamos nele como no sol, que mesmo encoberto pelas nuvens, nunca desaparece. Vê-se já essa luz, crescendo dia após dia, mais próxima, mais intensa, a mesma afinal que o grande Churchill enxergava nos dias sombrios de 1939 como uma mensagem divina. Deus não abandonou a terra!

Turismo

O turismo em Portugal já resolveu muitos dos seus problemas. Graças às novas estradas, artérias de traçado admirável que cortam o país em todos os sentidos, o turista nacional e estrangeiro descobre panoramas que outrora lhe estavam vedados e rincões onde a natureza conjugou todos os seus encantos, que pareciam inacessíveis.

Mas não tem sido apenas a facilidade de comunicações que permitiram a solução quasi total do problema turístico. Isso seria pouco. Havia que saber atrair o viajante com outras comodidades além das que lhe oferecia a facilidade de deslocação. E cuidou-se de oferecer melhores hotéis nas cidades, criar pousadas nas vilas e aldeias, onde o forasteiro sentisse o ambiente de conforto que deseja. Depois, completou-se a obra da natureza com o embelezamento etnográfico e arquitectónico.

Essa tem sido a tarefa do S. P. N., a todos os títulos digna dos nossos louvores.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA
Editor: ROCHA RAMOSPropriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa do Oliveiro, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



OS FAMOSOS «COMANDOS», QUE SÃO AS TROPAS DE ASSALTO INGLÊSAS, DESEMBARCAM EM VAAGSO, NA NORUEGA, E FAZEM OS PRIMEIROS PRISIONEIROS DESSA BRILHANTE OPERAÇÃO



Tudo arde. Meia dúzia de homens dominam uma poderosa guarnição, graças à sua coragem e fulminante decisão

AS TROPAS DE CHOQUE BRITÂNICAS

DUAS operações militares realizadas recentemente pelas forças armadas britânicas vieram pôr em relêvo a sua bravura, a sua perícia e o grau de aperfeiçoamento que conseguiram alcançar nos métodos de guerra moderna. Não falta quem as considere como o prelúdio de iniciativa de maior envergadura. Certo é que elas vieram demonstrar, de forma cabal, que ao cabo de dois anos e três meses de luta os inglêses se encontram

aptos a encarar, com êxito, as tarefas mais árduas e delicadas tanto no plano da defensiva eficaz como no plano da ofensiva fulminante.

As duas operações a que nos referimos tiveram lugar no mês de Dezembro do ano findo. Uma visou o quartel-general do comando de «Afrika Korps», confiado à direcção superior do general Rommel. Teve as características duma operação de surpresa, bem concebida e

melhor realizada. Serviu para documentar o grau de preparação das tropas de choque britânicas para realizarem missões locais de envergadura e para, pela rapidez da sua acção, collocarem o adversário perante um facto consumado.

A outra revestiu-se duma importância e duma significação maiores e visou algumas das ilhas situadas nas proximidades da costa norueguesa. Importância maior, pela extensão das destruições ope-



Um oficial inglês ligeiramente ferido, que só depois da operação terminada consentiu em ser tratado, é conduzido ao posto de socorros

radas, pela quantidade de material apreendido e pelo número de prisioneiros feito. Significado maior porque demonstrou até que ponto a Gran-Bretanha conseguiu já realizar a colaboração activa das forças de terra, mar e ar, agindo em conjunto para a realização dum objectivo determinado. Todos os órgãos de execução funcionaram numa forma perfeita e a sua conjugação fez-se de maneira inexcedível.

As ilhas visadas eram as de Maaloi e Vaagso, onde se encontravam guarnições alemãs e alguns elementos das forças armadas noruegueses afectas à causa do Reich. Os comunicados do comando da R. A. F. e do Almirantado deram conta da acção da força aérea empenhada na luta, a qual era composta de aparelhos de modelos diversos e de tipos diferentes, e da força naval, também composta por unidades de vários tipos, que atacaram os locais que lhes haviam sido designados.

A marinha bombardeou os pontos da costa onde tinham sido instaladas as baterias de defeza e reduziu estas ao silêncio. Simultaneamente protegeu o desembarque das tropas especializadas às quais tinha sido designada a tarefa mais arriscada. A aviação colaborou na protecção do desembarque, impediu que as forças aéreas do adversário se aproximassem e atacou, sem descanso, o principal aeródromo da vizinhança, localizado em Herdla. Esta acção foi sobretudo realizada pelos modelos mais modernos de "Beaufighters", e "Hampden", incorporados nas forças do comando costeiro.

A acção, depois de realizado o desembarque, estava confiada às tropas de especialistas conhecidas pela designação de "commandos". Essas tropas são constituídas por elementos adestrados para as práticas de todas as inovações postas à prova no decurso da presente guerra e treinadas, com particular cuidado, em operações muito rápidas de embarque e desembarque. O treino anfíbio, como lhe chamam os especialistas da arte militar, permite aos voluntários incorporados nos

"commandos", a realização das iniciativas mais arriscadas.

O raid efectuado contra as ilhas de Maaloi e Vaagso decorreu de maneira tão satisfatória que, tendo sido alcançados todos os objectivos assinalados pelo comando de coordenação, os "commandos", reembarcaram quinze minutos antes do prazo inicialmente assinalado para isso. Uma vez desembarcados capturaram os contingentes do inimigo que ali se encontravam, incluindo os respectivos comandantes, destruíram as instalações militares que existiam nas duas ilhas referidas e inutilizaram as restantes que poderiam vir a servir para o reabastecimento do adversário.

O número de mortos e feridos alemães no decurso dos combates violentos que, especialmente em Vaagso se transformaram em autênticos duelos conduzidos de rua para rua e de casa para casa, elevou-se a mais de duzentos. Tanto o desembarque como o reembarque, efectuados num curto espaço de tempo durante a madrugada de 27 de Dezembro, foram coroados de pleno êxito. "Os commandos", demonstraram a grande eficiência



Outras tropas de assalto actuam em Maaloy, onde dominam completamente a guarnição, dinamitando todos os seus recursos militares. As bocas de fogo são logo encravadas



Os "commandos", auxiliados por tropas norueguesas, destroem ali os depósitos de munições e óleos e afundam cerca de 16.000 toneladas de navios inimigos



Um soldado inimigo gravemente ferido



A tenacidade dos "comandos, não tem limites. Ei-los protegidos por uma cortina de fumo, num rápido golpe de mão, apoderando-se duma estação de rádio alemã



O inimigo é reduzido à impotência. Todos os centros industriais são pasto de chamas

cia que alcançaram e o "raid," às ilhas norueguesas deu uma ideia das suas possibilidades actuais.

Ignora-se o número de soldados superiormente adestrados para êstes ataques fulminantes. É de supor, porém, que êles ascendam a muitos milhares, constituindo, mesmo, várias divisões, admiravelmente apetrechadas. O inglês, porém, não confia sômente na superioridade do seu material bélico. É um homem e não o automático, cujas qualidades de sangue frio a tôda a prova, de audácia temperada de fantasia e de heroísmo que o impele a lançar-se ao adversário, sejam quais forem a sua fôrça e as suas armas.

Estas divisões de choque, com o seu dinamismo característico, são outras tantas flechas que ameaçam o continente europeu ocupado pelo inimigo.

Ouviremos, certamente, falar delas repetidas vezes, nestes lances teatrais da guerra, que têm sempre o imprevisto de local e de tempo. Elas serão a vanguarda dos exércitos anglo-americanos que hão-de libertar êste torturado continente.



Os prisioneiros entram a bordo destas embarcações metálicas, especialmente construídas para operações de desembarque, e vão recolher aos navios de guerra ingleses que pairam ao largo

CAVALGADA DE BELEZA

Segmento pequeníssimo cortado na corrente sem-fim que dá labuta aos mundos — tudo quanto fôr visível, real, quotidiano é verme, comparado à estelar grandeza de toda a fantasmagoria, nebulosa, como esculpida em mercúrio, sem nitidez, sem arestas, sem contornos definidos... Para conquistas de optimismo, não há lança mais prestável do que a miopia dos apressados, dos dementes, ou dos poetas sem génio — cantores, apenas, do «afável» e incapazes de chorar a miséria paisagística da existência, porque, entre esta e eles, se interpõe a tira de papel onde, sem descontinuar, descrevem belezinhas aprendidas de còr...

Correr! Correr! Correr!

Quem anda mais depressa, pisa com maior leveza.

O encanto feminino nasce, muito, no dom que, desde menina, a mulher tem, de melhor voitar, fremir, pairar em fugacidade e sumir-se em leveza, como as borboletas — do que os homens, zangãos utilitários mesmo quando vóam...

Da concepção *mítica* ou *mitológica* de Amazonas, à idéia actual, plena de



As amazonas, a galope, batidas pelo vento, sobem a encosta dura da serra



Uma passagem difícil. Os cavalos escorregam na pedra solta, mas são sopeados por mãos firmes e elegantes



A equitação é uma arte difícil. Feita de audácia e de galanteria, com os seus perigos e os seus encantos



Os cavalos portaram-se bem, mas estão cansados. Uma palavra carinhosa, uma festa amiga, recompensa-os da frenética galopada

elegância e saúde, não houve um solavanco de descida. As desportistas de hoje vencem em graça e humaníssima finura qualquer dos dois grupos de bruma e fragor onde se acastelam, nas névens ou nos penhascos inacessíveis, as suas homônimas: as ocidentais ou africanas, subjugadoras dos Atlantes e dos Númidas, que só acharam adversárias dignas noutras mulheres: as famosas Gorgonas, ao cabo derrotadas. E as orientais ou asiáticas, mais célebres, guerreiras também — e ninfas do rio Thermodon, na Trácia, onde suas filhas aprendiam a nadar, enquanto, ao bom sol, rutilavam, sobre as margens as armas e os escudos em forma de crescente. Naquelas águas se afogavam todos os filhos varões... (Têmiscyra, a capital, seria uma cidade bárbaramente bela, decerto... Nenhum homem!)

Amputadas, segundo a divulgada noção, para maior proficiência no exercício do arco — Hércules venceu a rainha; e Teseu, como se sabe, fez mais: convenceu-a.

Hipólita deveria ter ficado patrona das ariscas, das rebeldes, das que possuem um coração tão vulnerável como as demais e o presumem couraçado... Não ficou. Afinal, a guerra de Tróia, onde participou pelos troianos, a invasão da Atica, a expedição contra a ilha Leucéia e tudo o resto, — não perduraram tanto como um beijo de Helena ou o despeito de Freda...

Por isto dizíamos que as Amazonas, nossas contemporâneas, as prolevam no hino tão diferentemente cantado, à saúde que não é só força, à pureza que não é aridez desértica, à

euforia que não é incompreensivo desdém.

A designação «flôr da Cavalaria» aplicou-se a homens, na era dos torneios, e só não se empregou mal, devido a estriarem-se de carmim lâminas heróicas que iam colher suas gamas ao coração rival, impossível de coexistir... Ou porque os elmos eram enormes corolas. Ou porque as policromas gualdrapas dos ginetes figurassem canteiros de jardim. Ou porque a bravura, por afeição, é roseiral...

... Mas penaliza um nadinha o desgaste do título. Dá-lo-lamos agora a estas raparigas e a estes corceis, — elas sorridentes; êles, orgulhosos de as servirem — dinâmicos como a felicidade e sem andarem fugindo à própria sombra; céleres como os astros vagabundos e as cataratas de cristal; que triunfam das horas envelhecedoras como dos precipícios; que trazem no olhar aleluias panteístas — e nunca os orvalham de cansaço ou desenganos; que são elegantes — e naturais; vigorosos — e estilizados; viventes — e felizes! (E' êste o mais alto prodígio...)

Correr! Correr! Correr!

Amazonas de hoje...

Não nos importemos demais com o desconsólo de a tal frase não ser inventada por nós só para elas. O carmim das lanças era mais desmaldado que o das suas bôcas. Os elmos sugeriam menos bem corolas, do que os seus cabelos.

E a mocidade feminil — é uma roseira tão pujante como a bravura.

R. de M.



O mesmo passeio. Dois cavalos a passo, com as suas graciosas amazonas



O equitador Diogo, da escola de António Correia, acompanhou as suas discípulas no exercício no campo. Uma delas faz executar primorosamente ao cavalo a «reverence»



Dois bons amigos

FALA O MINISTRO DA NORUEGA, QUE EXALTA AS CORDIALÍSSIMAS RELAÇÕES ENTRE PORTUGAL E O SEU PAÍS, FORMULANDO VOTOS PARA QUE ELAS SE MANTENHAM INALTERÁVEIS

UMA FIGURA DA DIPLOMACIA



UMA das mais velhas terras do mundo é a Noruega, belo país, onde a persistência das neves não consegue destruir a sua opulenta flora e as suas imensas florestas, que representam inestimável riqueza.

Nação cheia de tradições brilhantes através da sua história, que data do século VIII, a Noruega adora o seu rei, Haakon VII, que subiu ao trono em 1905, e tem entre nós, há largos anos, como ministro plenipotenciário, o sr. Johan Fredrik Winter Jakhelln, que, às suas altas qualidades de fino diplomata, alia os mais requintados dotes de cavalheirismo e simpatia pessoal. A eles deve Sua Excelência as numerosas relações de amizade que conquistou em Lisboa, não só entre o Corpo Diplomático, no qual ocupa um lugar de merecido relevo, como na nossa melhor sociedade, onde a sua posição está marcada como a dum perfeitíssimo «gentleman».

Neste breve cruzeiro que nos propuzemos, de colher, para o *Mundo Gráfico*, algumas palavras dos representantes de países amigos, estava naturalmente indicada uma visita à Chancelaria da Noruega, na rua Garcia da Orta, onde fomos encontrar o ilustre diplomata, no seu gabinete, entregue a um importante labor, bem justificado pela excepcional situação que o seu país foi forçado a tomar na guerra actual.

Sorriso franco, expressão leal, numa nítida demonstração de acolhimento amistoso, Sua Excelência, embora nos não desse uma entrevista, que, de resto, não pensávamos obter, trocou connosco algumas rápidas palavras, nas quais não deixou fugir o ensejo que se lhe oferecia para pôr em evidência as cordialíssimas relações de amizade que, desde sempre, unem Portugal e a Noruega, e formular votos ardentes por que elas se mantenham inalteráveis, como ambas as nações sinceramente desejam. Referiu-se, depois, à sua estada entre nós e às possibilidades que ela lhe tem fornecido para se deliciar com as belezas da nossa Terra, sobre as quais se espraiou em elogiosas considerações, que muito lisongearam a nossa sensibilidade patriótica.

As palavras com que exaltámos a figura nobre e gloriosa do rei Haakon VII, actualmente em Inglaterra, o sr. Johan Jakhellen retorquiu com uma calorosa homenagem a Portugal, manifestando a sua admiração pelo Chefe do Estado e pelo sr. dr. Oliveira Salazar.

Terminara a nossa visita, que nos deixou as mais agradáveis impressões.

Restava formular o pedido, que teve imediata e gentil aquiescência, de ser permitido ao fotógrafo fazer um cliché de tão amável e acolhedor diplomata, que nos proporcionou gratos momentos de prazer espiritual, a fim-de, com êle, enriquecermos as páginas desta revista.

Um franco apêrto de mão encerrou esta conversa que tivemos com o sr. ministro da Noruega.

S. Saboya

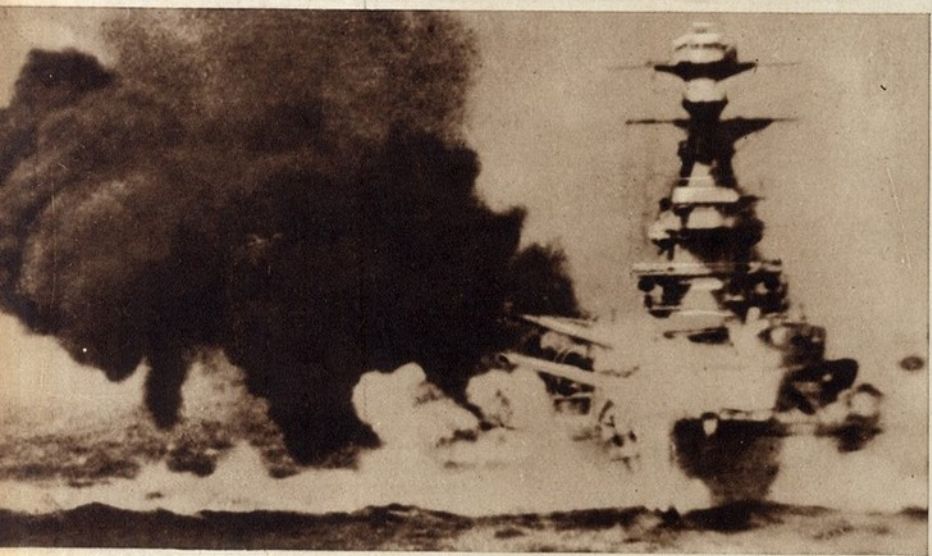
FOGO!



Os aviões inimigos atacam o "Royal Sovereign," no Mediterrâneo, mas as anti-aéreas afastam o inimigo enquanto os aeroplanos do "Eagle", vão no seu encalço destruindo alguns



Caça ao submarino. Um avião inglês do comando costeiro, avista a unidade alemã



A voz da Inglaterra troa no Mediterrâneo. O inimigo tem as comunicações cortadas com a África do Norte. O almirante Cunningham junta novas façanhas à sua acção gloriosa naquele mar



Fogo! As metralhadoras concentram a sua metralha sôbre a tôrre do submarino



Os exércitos do "eixo" perderam a Líbia. As colunas motorizadas de Auchinleck destruíram centenas de tanks. Eis um dos campos de batalha onde eles ardem em montões de sucata



A agonia. Uma bomba, finalmente, rebenta sôbre o submarino inimigo, afundando-o



MEMÓRIAS DE CHURCHILL

A medida que o tempo passava, lia desatentado, nos jornais, o relato da campanha do Tirah. Duas divisões tinham penetrado na montanha e, depois de várias batalhas com perdas pesadas, atingiam a planície central do Tirah. Tratava-se de as fazer voltar antes que o inverno se tornasse muito rigoroso. Foi o que fizeram, a tempo de evitar uma derrota. Os afridis, indignados e triunfantes, percorriam a crista dos montes e atravavam, com uma precisão mortífera, sobre as colunas intermináveis que se deslocavam, com dificuldade, ao longo do leito da ribeira, obrigados a passá-la a vau dez e doze vezes em cada «étape». Centenas de soldados e milhares de animais pereceram durante a retirada que, para a 2.^a divisão, foi verdadeiramente desastrosa. Por mais duma vez se disse que se tratava duma derrota e não do regresso vitorioso duma expedição punitiva. Quando se tratou de fazer as contas, verificou-se que era bastante cara a manutensão de trinta e cinco mil homens, com o encargo de caçarem e de serem caçados pelos afridis nas gargantas das montanhas, além de vinte mil para guardarem as comunicações. A expedição durara dois meses.

Não lamentei as desgraças da expedição do Tirah. Tinham sido egoístas por me não deixarem incorporar nela. Pareceu-me que seria necessário recomençar na primavera seguinte e redobrei de esforços para tomar parte na nova expedição. Minha mãe ajudou-me em tudo que lhe foi possível. Não descurou nada para atingir o seu fim. Por indicação minha, fez pedidos instantes a Lord Wolseley e a Lord Robert. Ambos lhe opuseram uma resistência obstinada. A resposta de lord Robert foi a seguinte:

«Com o maior prazer ajudaria seu filho, mas é inútil falar ao general Lockhart. Sir George White é quem manda. Ele não deu autorização para Winston ser incorporado no estado maior do general Blood a-pesar-de ter servido sob as ordens dêste em Malakand. Por isso tenho a certeza de que o não deixaria seguir na expedição do Tirah. Poderia telegrafar a Sir George Wente mas estou certo de que me considerava importuno».

Entretanto, eu continuava na guarnição de Bangalore. No Natal era fácil conseguir uma licença de dez dias. Era apenas o tempo necessário para chegar à fronteira e voltar. Mas eu não era bastante ingênuo para me apresentar no quartel general da base sem ter, previamente, preparado o terreno.

O gato militar é um animal encantador enquanto nos conservamos à distância das suas unhas. Quando se excita ou se irrita torna-se extremamente desagradável. Quando está nessa disposição é difícil convencê-lo do contrário. Por isso resolvi não seguir para a fronteira. Fui a Calcuttá para conseguir, na sede do governo da Índia, uma situação que me permitisse ir para a frente de batalha. Naquele tempo eram precisos três dias e meio de caminho de ferro para ir de Bangalore a Calcuttá. A viagem de ida e volta consumia sessenta horas, tempo necessário para tratar do assunto.

O vice-rei, lord Elgin, com quem servi mais tarde como subsecretário no ministério das Colônias, recebia sempre cordealmente os oficiais novos que o procuravam. Foi recebido principescamente. Deram-me mes-

(Continua na pág. 29)



Os pilotos ingleses estão travando no céu de Singapura a segunda "batalha de Londres". Estes bombardeiros, construídos nos Estados Unidos, têm esmagado as tentativas do inimigo de dominar a grande fortaleza do Oriente



As tropas de Malaia que, ao lado das forças imperiais inglesas, holandesas e americanas, têm defendido tenazmente os pontos vitais do Pacífico



Os navios mercantes alemães continuam a ir para o fundo. Mais outro, atacado por aviões ingleses do Comando Costeiro nas costas da Noruega. A sombra que se vê em cima é a roda do aparelho britânico



Esta floresta de aço envolve toda a Inglaterra. A sua defesa estende-se a todo o território, palmo a palmo. Mas não é apenas o aço dos canhões é a tenacidade e o heroísmo de um grande povo que a esta hora já sabe que a vitória lhe pertence. Do outro lado do Atlântico, levantam-se os Estados Unidos, o segundo bastião, tão poderoso como o primeiro, da defesa do Mundo

O DIREITO E A FÔRÇA



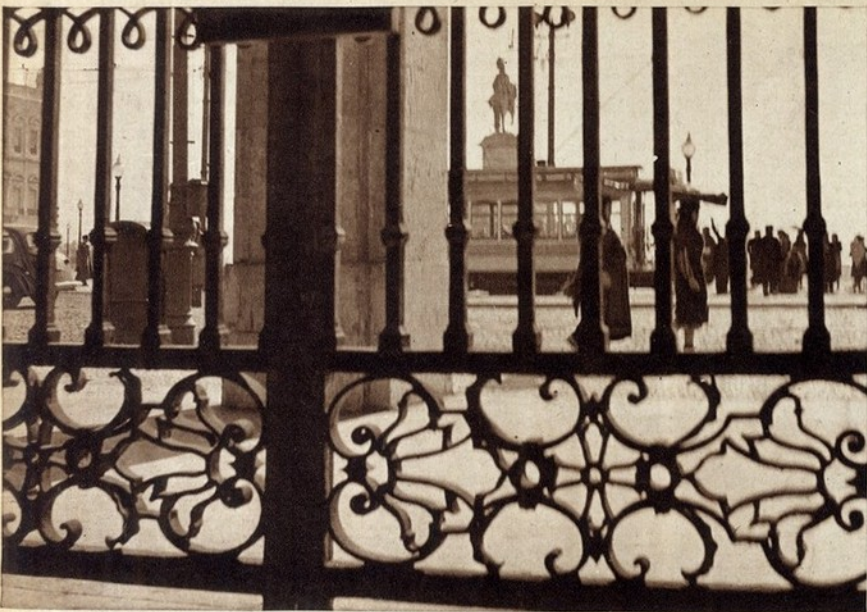
O exército inglês treina-se constantemente. Os seus exercícios são verdadeiras batalhas. Vários aviões cobrem o terreno com espessas cortinas de fumo o que torna invisível uma fulminante carga à baioneta sobre o "inimigo,"



Para a vitória da segunda batalha da Líbia, contribuiu poderosamente a R. A. F. que logo dominou o inimigo. É vulgar encontrar estas carcaças nos desertos da Cirenaica



O submarino inglês "Trident", regressa à base vitoriosamente. Perto do círculo polar, encontrou um comboio de navios alemães, carregados de tropas e de material. Com os seus torpedos, e rapidamente, afundou oito



As grades do Ministério da Justiça são pesadas como Ela. Lisboa passa ao pé delas e não repara no seu austero desenho



Uma janela de Lisboa velha com os seus arcos de ferro através dos quais a rua passa



Uma grade moderna, com os seus caprichosos ornatos, donde se vê o Tejo das conquistas e das descobertas

JANELAS DE LISBOA

JANELAS de Lisboa — varandas debruçadas sobre a alma encantadora das ruas! Peitoris salientes, sobre os quais se apolaram gerações contemplativas: lá vem a procissão, lá passa um pregão de tangerinas, lá se zangaram as vizinhas defronte... lá vem o meu amor à esquina...

As varandas gradeadas de Lisboa têm os seus padrões nobres nalgumas construções deliciosas do século XVII, o seu tipo burguês e fidalgo em duas centenas de palácios e casas apalaçadas do século XVIII, o seu tipo popular em moradias daquelas épocas, que resistiram a abalos de terra e às ameaças da picareta. Envolve-as uma certa poesia decorativa, reforçada, às vezes, por um canteiro de flores, por quatro vasilhos suspensos, no vermelho fresco das olarias de Lisboa.

Nos bairros populares as varandas do século passado — são tôdas elas, no trivial do gradeamento cruzado, uma mancha adorável de pitoresco. Nos ângulos tomam aspectos de pormenor de aguarela.

Já não há adufas em Lisboa, nem as gelosias de gosto árabe. Mas no fundo dos gradeamentos, além dos varões direitos, de coroas a meio do fuste, topam-se pela cidade, por aqui e por ali, aquelas reixas de cruzamento inviado, que semelham rôtulas a defender o intimismo repousado de um varandim.

O gosto joanino de compor fachadas, que ficou da escola de Mafra, entrou na arquitectura urbana.

Janelas de varanda de Lisboa! Balaústres ingénuos da arte de domar o ferro. Armações de um vitral, que não existe, através das quais o sol entra pelas casas dentro, e doira de luz a intimidade da casa lisboeta.

Norberto de Araújo



Outra varanda de Lisboa, que talvez tenha uma história de amor de que ela já nem se recorda

Campanha de Leste



A retirada de Moscovo. Material abandonado pelos alemães na estrada de Klin

UMA FASE DECISIVA

DURANTE a última quinzena as operações militares na frente oriental entraram numa fase decisiva. Dos três sectores em que se reparte a vasta frente que vai do Oceano Artico ao mar Negro, o sector central, cujo objectivo principal foi até 7 de dezembro de 1941 a cidade de Moscovo, continua a chamar as atenções gerais. É ali que, de facto ou como finta de qualquer manobra de maior envergadura, se concentram os principais recursos dos dois adversários em homens e material. É por isso que as peripécias da luta nesse sector são seguidas com interesse e curiosidade.

Iniciada a contra ofensiva soviética em 7 de dezembro, o sector de Moscovo animou-se extraordinariamente conseguindo os russos forçar a primeira linha defensiva alemã, a qual se apoiava em três pontos fortificados: Kalenine (Iver), ao norte; Mojaisk, ao centro na estrada principal que conduz à fronteira polaca; Tula, ao sul, que marcava um dos locais extremos do avanço da Wehrmacht em território soviético. Kalenine e Tula caíram rapidamente e a contra ofensiva prosseguiu em condições favoráveis nas extremidades do semicírculo de investimento. Mas o saliente de Mojaisk, onde se tinham concentrado importantes efectivos alemães continuou a resistir vigorosamente. O ataque frontal à cidade realizado no fim da primeira quinzena de dezembro não decidiu da sorte da cidade. Os atacantes iniciaram, então, uma das suas manobras de cerco que, ao fim dum mês, deu os seus frutos. Em 15 de Janeiro iniciou-se a evacuação dos defensores que foi metódicamente realizada, embora tivesse acarretado sacrifícios apreciáveis. Em 20 a cidade caiu em poder das tropas russas.

Entretanto, ao longo dessas quatro semanas, a progressão na ala esquerda do exército soviético continuou. Deixando para trás cercados dois importantes centros de população (Orel e Kursk), a contra ofensiva russa penetrou profundamente no território ocupado pelo adversário formando uma extensa bolsa que inclui o caminho de ferro Kursk-Viasma e se estende até à provincia de Smolensko. Algumas povoações reocupadas, como Kirov, pertencem já a essa provincia.

Nos outros sectores as operações, embora com um ritmo mais lento, não deixaram, por isso, de se revestir de significado digno de registo. No sector de Leninegrado, ultrapassado o curso do Volodga e desafogada, em parte, a cidade, as forças russas desencadearam ataques de envergadura, partindo da cordilheira Valdai a fim de se juntarem com os sitiados. No sul, a contra ofensiva no Donetz, embora aproximando os russos de



Prisioneiros alemães

(Continua na pág. 29)



A notável cantora inglesa em S. Carlos



Astra Desmond

SAÜDADES DE PORTUGAL

A STRA Desmond, que numa noite maravilhosa encantou a platela doirada do Teatro S. Carlos, encontra-se agora em Londres. A cada momento ela fala de Portugal em notas cristalinas de saúde que, por vezes, traduz num cântico de ternura e de admiração. O nosso folclore, de tão ricas e variadas gamas líricas, foi por ela incorporado nos programas dos grandes concertos da capital britânica. Astra Desmond conseguiu este milagre: em quinze dias aprender a falar português, o mais suave e melodioso, pelo menos aquele que anda nas trovas dos marinheiros, nas serenatas de capa e batina de Santa Cruz, de Coimbra, e nas redondilhas dos pastores serranos.

Ainda há dias a ouvimos ao microfone da B. B. C. interpretando algumas das mais lindas canções portuguesas.

Miss Astra Desmond concedeu, gentilmente, ao *Mundo Gráfico*, as suas impressões sobre Portugal.

— Ainda esta tarde recebi duma pessoa amiga um exemplar da sua revista, que guardarei sempre com o maior carinho, por me recordar uma das noites mais agradáveis da minha carreira artística—a noite em que pela primeira vez cantei em S. Carlos, um dos mais velhos e notáveis templos da Arte da Europa... tribunal onde o gosto, o espírito e a cultura da sua platela têm ditado em todos os tempos as mais severas sentenças, sem apêlo nem agravo para os «réus».

— E quem foi o advogado de defesa no seu «juízo»?

— Foi o carinho, a bondade e a inexcusável fidelidade do público português, que antes disso me aplaudira no Porto e em Coimbra. E, acima de tudo, foi o grupo de artistas com que o profundo saber e temperamento artístico do maestro Pedro de Freitas Branco formou a Orquestra Sinfónica Nacional. Lembro-me, por exemplo, de ter cantado o difficilissimo trecho «Sonho de Gerontius», do compositor inglês Elgar.

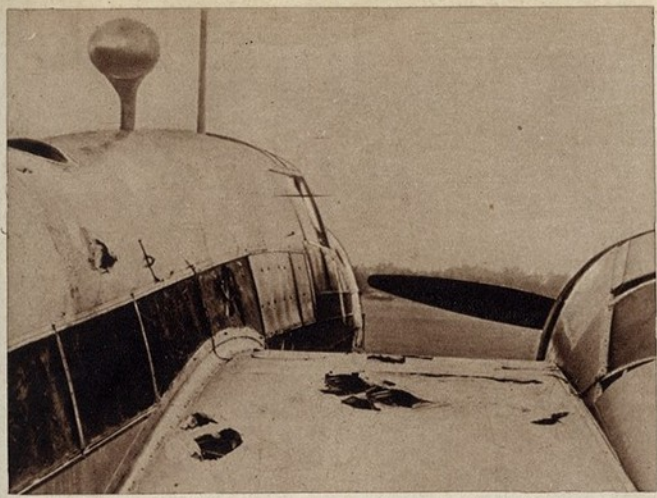
— Mas...

— Desculpe, mas já que me deu a palavra, quero dizer alguma coisa mais.

— Não esquecerei nunca a perfeita transposição de tom que o maestro Pedro de Freitas Branco se prontificou a fazer numa composição de Duparc que não chegara a tempo de Londres para eu a cantar, e de que em Portugal apenas havia alguns exemplares num tom que não dava a minha voz, nem da colaboração que me prestaram os notáveis pianistas Regina Cascais e Artur

(Continua na pág. 29)

A MAIOR AVENTURA AÉREA DESTA GUERRA

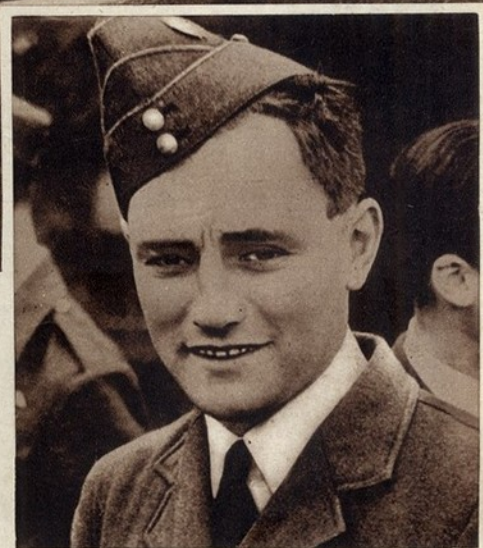


Esta «Victoria Cross» de James Allen Ward, é das mais notáveis desta guerra. Em Julho de 1941, o bravo piloto neo-zelandês, da R. A. F., fez parte da tripulação de um «Wellington» que bombardeou Munster. A viagem foi banal. O alvo foi atingido em cheio. No regresso, porém, sobre o Zuider-Zee, um «Messerschmitt» atacou o avião com granadas e balas incendiárias. O metralhador da cauda do «Wellington», apesar de ferido, derubou o inimigo. Nessa altura, porém, o fogo lavrava numa das azas do avião inglês alimentado por uma rotura no tubo condutor de gasolina.

A tripulação fez tudo para extinguir o incêndio. Nessa altura, o bravo sargento James Allen Ward, olhando para o fogo, pensou

que havia uma possibilidade entre mil de salvar o aparelho. Num rasgo extraordinário de audácia, a quatro mil metros de altura e à velocidade de 90 milhas à hora, safu por uma vigia e, rasgando a tela para os seus pés encontrarem apoio, fez então o que se pode considerar inverosmil. O vento levava-o e ele, crispado, pretendeu apagar o fogo com a cobertura do motor e, ao mesmo tempo, tapar a rotura do tubo de gasolina. O vento, porém, soltava, continuamente, a cobertura. Então, James Allen rasgou a parte incendiada da tela, nada deixando que pudesse arder.

Foi o piloto que o puxou para dentro do bombardeiro, completamente exausto. O valeroso sargento James Allen, foi condecorado com a «Victoria Cross».



James Allen Ward

UM MESTRE DA ESTATUÁRIA

A obra é maior do que o artista. Na sombra maguada do entardecer, as estátuas triunfam da inércia da matéria e, animadas pela vida que o escultor lhes insuflou, parecem ter criado uma expressão mais alta e mais perfeita. Uma avança no seu pedestal e fala; outras, em cima do seu plinto, como que sorriem; aquela cinge-se mais penetrantemente à sua meditação, interrogando o destino, enquanto outra, desprendendo os braços da cruz de martírio, desenha um gesto de perdão e de misericórdia. Todas, porém, olham com indiferença o artista, que continua agarrado à terra, mesquinho como qualquer de nós. Já não lhe pertencem, a caminho da eternidade. No «atelier», são um mero reflexo dum mundo incomparável de beleza. Leopoldo de Almeida, no meio daquela floresta harmoniosa de mármore, prossegue a sua obra como os escultores gregos, para quem a existência era intemporal. A mãos plenas, vitalizadoras, ele cria formas, fixa sonhos, exalta aqui a perene graça feminina, para depois evocar a história em baixos relêvos com batalhas e lendas heroicas.

Muito novo, com a simplicidade dos grandes artistas que vivem na intimidade do belo, Leopoldo de Almeida é já um mestre da estatuária. Francamente moderno nos seus temas, mas exemplarmente clássico no vigor construtivo da técnica, o artista procura traduzir, e consegue-o, aquela emoção misteriosa, muito doce e portuguesa, que caracterizava Soares dos Reis.

O seu famoso mármore «Meditação», uma obra prima de todos os tempos, é disso um exemplo. Não se julgue, porém, que ele não saiba trabalhar a grandeza monumental, as sínteses eleqüentes do espírito, as forças elementares da matéria, duma maneira tão larga e sugestiva que superam a escala humana, na sua visão e na sua dimensão.

Antônio dos Santos



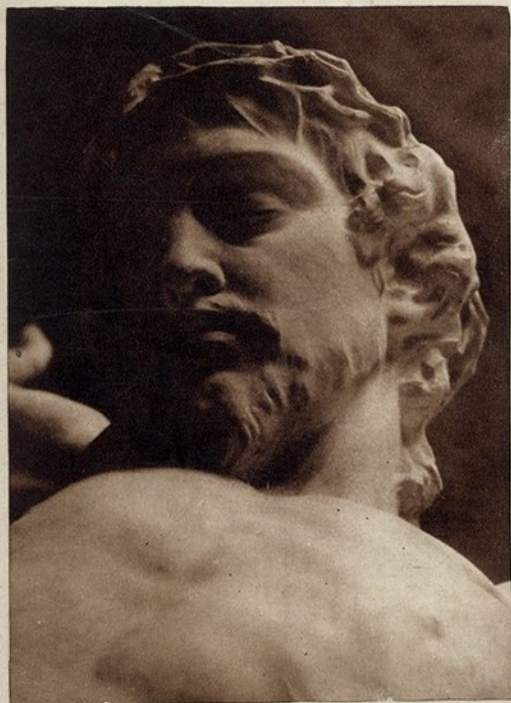
«Anatomia para o Viriato», que no alto dos Herminios desafiou as legiões romanas



A expressiva cabeça da estátua da «Meditação»



Esta cabeça de furor leonino representa a Guerra. O escultor Leopoldo de Almeida dá-lhe os últimos retoques



Cristo agoniza na cruz



«Meditação», obra prima de estatuária moderna

FIGURAS E FACTOS



O sr. ministro das Obras Públicas, quando da assinatura das alterações introduzidas no contrato entre o Governo e a Companhia das Águas



Os srs. Presidente da República e ministro da Educação inauguram a exposição de Gardy Arriaga, na Sociedade Nacional de Belas Artes



O venerando Chefe do Estado recebe a direcção da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro que lhe entregou o diploma de sócio benemérito daquele organismo

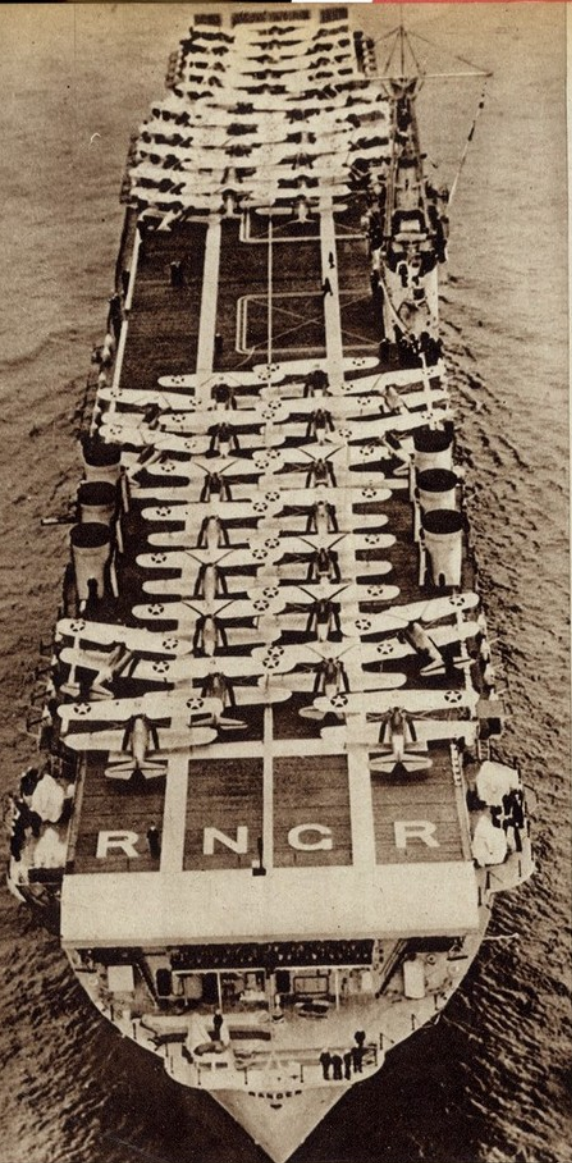


A próxima eleição do sr. general Carmona para a suprema magistratura da nação. O sr. ministro do Interior, em Braga, depois de uma reunião com as autoridades locais

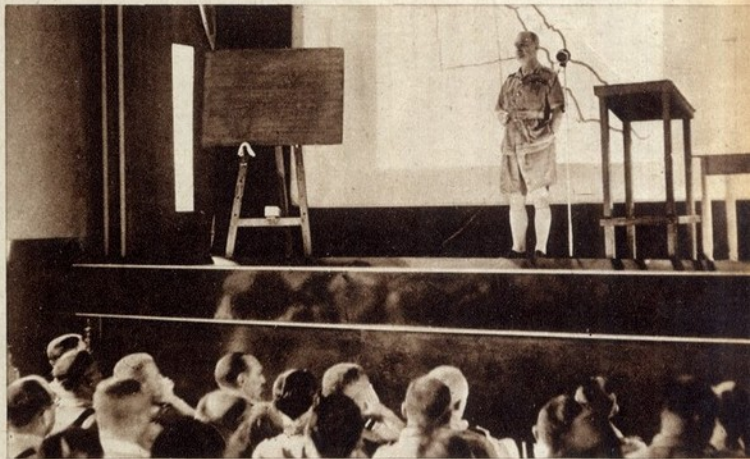


Chegaram a Lisboa os diplomatas norte-americanos na Hungria, entre os quais o sr. Robert Pehl, que durante largo tempo foi ministro dos Estados Unidos em Portugal

ACTUALIDADES INTERNACIONAIS



A poderosa esquadra dos Estados Unidos, que domina o Pacífico, paira como uma ameaça nos mares do Japão. O grande porta-aviões "Ranger".



O general Wavell, em Singapura, faz uma conferência sobre a sua vitoriosa campanha da Líbia aos oficiais daquela praça forte do Oriente



Mais de 30.000 soldados alemães e italianos foram já capturados pelas tropas do general Auchinleck. Eis a chegada de um numeroso contingente de prisioneiros ao Cairo



Malta. No dia do milésimo raid aéreo inimigo, a guarnição festejou o facto com garrafas de "champagne". Um dos numerosos abrigos da heroica ilha



O ministro inglês dos Estrangeiros, Anthony Eden, ao desembarcar em Moscovo, onde realizou várias conferências, com o característico barrete de peles, usado pelos aviadores da R. A. F., na Rússia



Boxcoff



REGRAS DE ETIQUETA

Há muitas pessoas que não suspeitam que faltam às regras da civilidade, procedendo de determinadas maneiras. Ora vejamos, em breves linhas, algumas delas, poucas mas certas.

— Bem sabemos que gostam muito um do outro mas, francamente, lá pelo facto de estarem casadinhos de fresco, passarem a vida aos beijos, à frente de toda a gente... acho que é *shocking*. Não?

— A senhora é que estende primeiro a mão ao cavalheiro.

— Apresenta-se a pessoa de menor importância à de maior e diz-se primeiro o nome do cavalheiro e depois o da senhora.

— O homem vai sempre do lado de fora. No eléctrico, oferece o seu lugar «sentado».

— Cuspir para o chão ou mesmo no lenço é tão indecoroso como se começasse, na rua, ou em casa de fora, a limpar os ouvidos. Portanto, já vê...

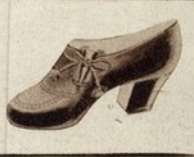
— Levante-se e finja que vai dar uma ordem à criada, se quere tocejar. Nem que a visita lá esteja há umas boas três horas — que é uma coisa que se não faz.

— Se estiver a conversar no meio da rua, arrisca-se a ficar debaixo dum automóvel, mas também o não deve fazer em frente da porta dum armazem porque impede a passagem. Mas eu sei que até é capaz de descompôr o impertinente que lhe deu um encontro. Não dê aso a isso, porque é impossível alguém dar-lhe razão.

— Não fume enquanto fala com uma senhora... tire as mãos das algibeiras... não se deixe estar sentado se ela está em pé... credo! não lhe aperte a mão dessa maneira, olhe que a desconjunta!...

PÁGINA FEMININA

DE AURORA JARDIM



Verniz castanho

O vestido de viagem e o seu sapato

O QUE SE USA HOJE

— Ainda o contraste de cores, mas muito os ensembles em que o vestido inteiro e o casaco comprido são iguais no tecido e na forma.

— O capuz, assim como o chapéu, sendo igual à blusa, constitui graciosa novidade.

— Num tailleur cinzento escuro representam a cintilante nota da fantasia os grandes botões cor de rosa.

— As capas de tarde, sendo pretas, podem ter o fôrro num tom berrante e quente como o «sol africano» ou suave como esse azul pervinca que tem tanta doçura.

— Nos vestidos de noite vê-se muita renda grossa — guipure — mas não só branca ou ocre: tinta em tôdas as cores nas largas mangas transparentes e na linha do decote.

— Alguns tons que ligam bem: vermelho e rôxo; verde e bordeaux; preto e encarnado; branco e rôxo.

— Em muitas saias, o tecido é todo levantado à frente, formando drapés dos lados e alargando as ancas.

— Para sport, os «sala-e-casaco» seguem as linhas clássicas. Os tons predominantes são: bronze-de-ajon, azul-ardósia, tilla, cinzento e pequenos quadrados de tons misturados ou largos escoceses típicos.



Pele de crocodilo

PEQUENOS CONSELHOS

— Se as suas unhas se partem com frequência, tome cálcio.

— Se as pestanas lhe caem, unte-as tôdas as noites com óleo de ricino.

— Se tem borbulhas, não lhes toque, deixe-as secar sôzinhas, desinfectando apenas com uma mistura de alcohol e éter.

— Se a sua pele é seca, deve nutri-la com um bom creme de alimento que conservará no rosto toda a noite, depois de se ter desmaquilhado ou então durante a manhã, até tomar o seu banho.

— Se a sua pele é muito oleosa, aplicará um adstringente, misturado com loção tônica que fecha os poros dando frescura à pele.

— Se é gorda, vista-se de preto.

— Se é magra, prefira tecidos escoceses, com largos quadrados.

— Se é demasiado alta, coloque uma barra de cor na orla da saia.

— Se é baixinha, prefira riscas verticais.

— Se gosta muito, mostre metade.

— Se gostam muito de si, mostre-se reconhecida.

— Se tem idéas negras leia, vá ao cinema, saia, mude de penteado, comece um novo tratamento de beleza.

OBSERVAÇÃO

Não há mulher nenhuma que, na modista, ao abrir um figurino, não sinta um momento de felicidade. Ir escolher um vestido — ainda é das poucas coisas boas que há no mundo.

CASA QUEY

HOSIERY SPÉCIALISTS

OUT SIZES — MAISON FRANÇAISE

R. Serpa Pinto, 18

SPORT



Um admirável instantâneo de um atleta, durante um magnífico salto em comprimento

Vultos da velha Inglaterra

William Pitt

ERA, este inglês ilustre, filho de Robert Pitt gentilhomem de Cournewilles e neto de Thomas Pitt que foi governador de Madras, célebre por ter sido quem fez a primeira aquisição do famoso diamante conhecido sob o nome de *Regente*.

Sua família era originária do condado de *Dorset*. Aquele que mais tarde deveria ser um dos homens mais notáveis da Inglaterra, nasceu em Westminster em 15 de Novembro de 1708. Tendo sido primeiramente destinado à carreira de armas, foi educado em *Eton* e depois (1725) no Colégio da Trindade em *Oxford*.

Mas devido a várias circunstâncias entre as quais avulta a mediocre fortuna que os seus pais lhe haviam deixado (100 £. de rendas) teve de alistar-se num regimento de cavalaria. No entanto, o destino fê-lo seguir carreiras diferentes, onde os seus rasgos de inteligência e carácter o fizeram sobremaneira distinguir. Dedicou-se ao estudo de autores clássicos, sobretudo *Cícero* e *Tucydidal*. Nomeado membro do parlamento em 1735, logo se destacou entre os primeiros oradores.

De entre a sua actuação naquela solene assembléa de Inglaterra, recorda-se a

célebre réplica a Sir Robert Horace Walpol em 1740, quando este preparava o alistamento «forçar» de marinheiros, Pitt combateu-o enérgicamente num discurso veemente. A seu lado na oposição enfileirava *Chesterfield* e o próprio Príncipe de Gales.

Walpol, indignado com a oposição que lhe fazia Pitt, demiti-o dum cargo que este ocupava no exército, só servindo esse facto para aumentar a popularidade de Pitt.

Em 1746 foi nomeado adjunto do Vice-tesoureiro da Irlanda, e tesoureiro e pagador geral do Exército e ainda *Conselheiro Privado*.

Em todos estes cargos manifestou este inglês ilustre os seus extraordinários dotes de talento aliados a uma singular energia de carácter. Após muitas outras vicissitudes políticas e depois do famoso discurso de 8 de Abril de 1778 — a que deu motivo o reconhecimento da Independência da América — faleceu este insigne patriota inglês.

O Parlamento votou pela execução — como homenagem nacional — dum monumento na abadia de Westminster, o monumento magnífico onde repousam os restos mortais dos maiores vultos da História da Inglaterra.

Rodolfo Osório



O fotógrafo conseguiu esta curiosa sobreposição de imagens que mostra quatro fases de um correctíssimo salto numa prova de 110 metros barreiras

A O alugar o pequeno quarto, naquele quinto andar, José Gabriel disse à dona da casa:

— Está bem, pelo preço, interessa-me. Mas, ponho estas condições: não quero barulho, da parte da manhã, nem telefonia, nem crianças...

A mulhresinha demorou no rosto do rapaz os seus olhos estrábicos, mostrou os seus dentes sujos e podres e, com um sorriso parvo, declarou:

— Será feita a sua vontade, cavalheiro. Eu sou viúva, não tenho filhos e aborreço a música.

— Tem mais hóspedes?

— Não, senhor... Isto é... Tenho uma senhora, que está no quarto independente, pegado a este. Porém, descanse... Ela é enfermeira, vive só, sai todos os dias muito cedo e... também não gosta de ruído.

Depois dum momento de hesitação, em que José Gabriel mediu, de si para consigo, as possíveis contrariedades de ter por vizinha de quarto uma mulher, decidiu-se, por fim, a alugar o aposento. Pagou um mês adiantado. O mostrengo, fechando as notas na destra, agradeceu e retirou-se.

Aquilo era pouco mais de uma mansarda. Mobília velha, roupa encardida, uma janelita para a travessa. Tudo acanhado, muito acanhado... Mas, assim como era, chegava-lhe suficientemente.

Carregado, de melancolia, com pouco ou nenhum apego à vida, José Gabriel atravessava justamente uma fase de indiferença por tudo e todos. Não gostava da vida, mas tinha horror ao suicídio, senão...

Alli, não estaria mal de todo. A dona da casa, confessando-lhe que detestava a música, vinha precisamente colaborar com a doença que o minava. Também êle odiava presentemente a música... Pianista diplomado pelo Conservatório, fôra essa arte a sua ardente paixão. Pobre, vira-se forçado, para comer, para viver, a tocar nos «cafés». Durante muito tempo, dois anos ou mais, conseguira, assim, iludir todos os seus acarinados sonhos. Não era, em verdade, música frívola, mas de concerto, grandes peças mesmo, que êle desejaria interpretar. Todavia, as necessidades mandavam... Tocando naquele «café», ganhava para comer e vestir. Já não se podia queixar. Um dia êle encontra, finalmente, o seu caminho de triunfo.

E enganava-se... Como outros, como muitos outros, o «café» onde trabalhava fizera substituir a orquestra privativa por um grande aparelho de radiotelegrafia. «Tenham paciência... — dissera-lhes o patrão, a êle e aos colegas, ao despedi-los. — A telefonia é mais barata e a freguezia exige-a. Gosta de ouvir também noticiinhas do estrangeiro... Compreendem...» José Gabriel, como os outros, compreendeu bem que ficava sem

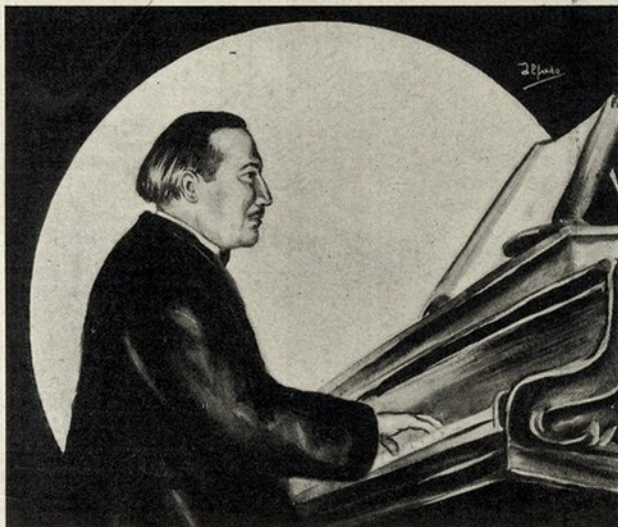
O PIANISTA

NOVELA DE GUEDES DE AMORIM

trabalho. Orfão, sem família, não tinha porta a que bater. Por favor, e apenas uma vez por outra, lá conseguia ir tocar às associações de recreio. Agora, era somente disso que êle vivia.

LEVANTAVA-SE propositalmente tarde. O sono também sustenta... E José Gabriel que comia só quando comia, demorava-se na cama até à tarde e, muitas vezes, até à noite, enganado, enganando a fome o mais possível.

miseria e tristeza, José Gabriel não conseguiu, porém, adormecer. Fôsse pelas muitas chavenas de café que ingerira, generosamente pagas por colegas e amigos, ou fôsse por ter dado voltas e volta à cabeças para sair da miséria em que se encontrava, o certo é que uma terrível insónia lhe havia ferrado violentamente. Mexeu-se, voltou-se na cama, cerrou as pálpebras, para atrair o sono, mas não o conseguiu. Aborrecido, enervado, pensou em levantar-se. Aonde ir, porém, a essa hora? O



De noite, capa de todos os infelizes, êle sentia-se mais corajoso. Algumas ocasiões, encontrava, em passeios sonâmbulos, outros artistas, outros músicos, como êle vítimas da telefonia. Davam juntos, então, largos estirões desfiando sonhos ou vomitando protestos. Por fim, e muito a custo, como envergonhados, confessavam-se mutuamente a necessidade de comer. Reineixiam os bolsos, arquiectavam expedientes, lembravam-se de tudo para arranjar um pão ou uma sôpa. Quasi sempre, êle ou os outros, terminavam por recorrer a qualquer colega, ainda não de todo esquecido da sorte, que lhes emprestasse uns escudos.

Desesperado, amargurado, José Gabriel daitava-se só de madrugada. O repouso, a essa hora, sabia-lhe a uma espécie de libertação. Apartava-se, assim, da sua montanha de projectos mortos. Enquanto dormia, descansava, fugia do seu próprio e malvado destino.

Uma dessas madrugadas, ao deitar-se, naquele quarto de

dia vinha a nascer, a nascer, e êle não queria mostrar aos outros as condições do seu fato e os seus sapatos cambados...

Estava, finalmente, prestes a adormecer, já o corpo se lhe amolecia entre os lençóis, quando lhe chegou aos ouvidos um ruído no aposento vizinho. Lembrou-se da senhora que habitava o quarto independente. Como seria ela? Bonita, feia? Velha, nova? Prestou atenção. E, daí a pouco, ouvia palavras em português e inglês. José Gabriel ficou intrigado. Então, a senhora vivia acompanhada? Claro, não podia ser mesmo outra coisa... A dona da casa, para o segurar, havia-lhe mentido. Mas, com quem falava a figurona? Levantou-se e foi encostar o ouvido à parede. Compreendeu, ao fim de algum tempo, que a senhora sua vizinha ensinava inglês a uma criança. Devia ser seu filho, pensou.

Voltou para a cama, mas por sua própria vontade não quis pregar olho. Tinha que se en-

tender com a dona da casa, tinha que censurá-la por êle haver mentido. Êle não queria, ali, barulho. Silêncio, mas silêncio profundo, era o que exigia, porque isso mesmo, afinal, ficara combinado entre ambos. Brincar com êle, não, ninguém brincava.

Gritou pela dona na casa. Esta apareceu, inquieta, apavorada. Deu-lhe explicações, pediu-lhe que fizesse pouco barulho. Tudo se podia arranjar. Que tivesse um bocado de paciência. Ela não sabia de nada, mas iria solucionar essa questão.

— Não! A senhora mentiu-me! Isto parece uma feira. Mentiu-me, percebeu? Mas, vou-me embora.

No quarto ao lado, tinha-se feito silêncio.

— Sabe, senhor — disse por fim a dona da casa, como a desculpar-se. — Aquela senhora tem uma pessoa de família, um rapazinho, que ela educa...

— Não quero saber de nada! — gritou José Gabriel. — Já disse: Vou-me hoje embora.

José Gabriel, abrindo os olhos, viu-se numa cama do hospital. A seu lado, sentada, uma enfermeira lia um livro. Como tinha êle vindo ali parar? Não sabia, não tinha mesmo a menor ideia...

Voltou o rosto para a enfermeira e esta, pousando o livro no regaço, sorriu-lhe. Era morena, muito bonita, com olhos pretos, profundos.

— Sente-se melhor o meu vizinho? — perguntou-lhe ela.

Êle, surpreendido, ia a responder, mas êsse pequeno esforço causou-lhe profundas dores. Tinha a cabeça ligada e sentia o corpo dorido. Conseguiu, porém, perguntar:

— Que me sucedeu?

A enfermeira contou-lhe: Indignado, como um furacão, êle quisera deixar o quarto, de manhã, logo após ter barafustado com a dona da casa. Tombara na escada, e com tal violência, que perdera os sentidos. Ela e a patroa o haviam conduzido, sem sentidos, ao hospital...

— Mas, a senhora é que era a minha vizinha?

Ela sorriu e abanou afirmativamente a cabeça. Pediu-lhe desculpa do ruído. Julgava que êle sabia e não se importava. Porém, ela, que tinha um irmãozito, para quem vivia, era a sua professora...

Quatro dias depois, ao deixar o hospital, José Gabriel despediu-se da linda enfermeira. Disse:

— Desculpe-me. Obrigado por tudo. Até um dia.

— Não. Até logo. O senhor tem ainda doze dias pagos de quarto. A dona da casa espera por si... e eu também o quero lá encontrar...

José Gabriel apertou-lhe a mão, com firmeza, com gratidão e com amor.

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

(Continuação da pág. 15)

mo um cavalo tão bom que consegui ganhar uma taça que a guarnição de Calcuttá disputava de quinze em quinze dias. Tudo estava muito bem mas a verdade é que não resolviam o meu caso. Antes de chegar a Calcuttá eu mobilizara todas as influências que podiam interceder a meu favor e pedira conselho a todas as pessoas categorizadas de quem podia aproximar-me. Todos estavam de acôrdo em dizer que a melhor probabilidade de que eu tinha de ver deferido o meu pedido consistia em o levar ao ajudante do general, um homem desagradável cujo nome, felizmente, esqueci. Tudo dependia d'ê; ninguém podia nada contra a sua vontade. Fiz a minha apresentação no seu gabinete e pedi-lhe uma entrevista. Recusou-se a receber-me. Comecei a compreender que o meu caso não teria solução favorável. Os altos funcionários militares que eu encontrava olhavam-me com um ar irônico. Estavam ao corrente do meu pedido e da resposta que tivera.

Nesse inverno escrevi o meu primeiro livro. Eu sabia que as minhas correspondências para o «Daily Telegraph» tinham tido em Inglaterra o melhor acolhimento.

Tendo adquirido o há-

bito de escrever dediquei-me às obras de imaginação. Pensei em fazer um romance. Parecia-me que o faria mais depressa do que a crônica da vida real. Uma vez começada, a história desenvolvia-se naturalmente. Escolhi para assunto do meu trabalho uma revolta num país imaginário dos Balcãs ou numa república sul-americana. Assim contei as aventuras dum chefe liberal que derruba um governo arbitrário para, em seguida, ser derrubado por uma revolução socialista. Os meus camaradas oficiais acharam a história interessante. A medida que o tema se desenvolvia, mostravam-me a vantagem de animar a acção com um episódio amoroso. Em minha opinião bastavam as batalhas e a politica, que se misturavam com as considerações filosóficas ao meu alcance. Tudo se liquidava com uma cena final em que figurava uma esquadra de coraçados a forçar uma passagem como a dos Dardanelos para sufocar a revolta. Para terminar o romance levei dois meses. Foi publicado no «Macmillan's Magazine» com o título «Savrola» e reeditado várias vezes. Ganhei com êle setecentas libras. Disse aos meus amigos para não o lerem.

A CAMPANHA DE LESTE

(Continuação da pág. 19)

Karkov, não liquidou ainda a situação criada pelo avanço alemão. Os combates em volta de Taganroff e na Crimeia prosseguem, com encarnicamento. Um comunicado alemão chegou a anunciar a reconquista de Teodosia, junto à península de Kertch, mas de Moscovo desmentiram a noticia.

Vai a luta prosseguir implacável durante o inverno? Tudo indica que sim. Em Berlim, no dia 15, um porta-voz militar anunciou que estava, finalmente, assente a linha defensiva em que os alemães desejavam deter a contra ofensiva russa. Não precisam, porém, os seus limites nem as condições em que ela deverá funcionar. Trata-se duma linha que tenha o seu principal núcleo de resistência em Viasma, ou vai a defensiva alemã localizar-se ao longo da linha estratégica que passa por Smolensko? De qualquer maneira parece que a estrada Smolensko-Viasma-Moscovo continua a ser o eixo da manobra defensiva de cujo êxito depende a sorte da Campanha de



Artelharia russa

Leste. Uma vez assente pelos adversários o princípio de que a luta prosseguirá, sem tréguas, no meio de atroz inverno russo, posta de parte a idéia duma estabilização à volta de posições fixas, admitida também por ambos a concepção duma frente elástica, em movimento de fluxo e refluxo, condicionada pela capacidade ofensiva e defensiva de alemães e de russos, a próxima fase da campanha de leste depende fundamentalmente das reservas em homens e em material que o Reich e a U. R. S. S. poderem lançar na fornalha. E' para realizar, a êsse respeito, um esforço decisivo que dum e de outro lado se fazem preparativos que abrangem, simultaneamente, o plano das negociações diplomáticas e o terreno do adexramento militar.

Carlos Ferrão

SAÜDADES DE PORTUGAL

(Continuação da pág. 20)

Santos, e a dedicação com que a cantora Arminda Correia me ensinou a pronunciar as letras dalgumas canções do riquíssimo folclore português.

— E no tribunal de S. Carlos — como lhe chamou — a acusação foi muito cerrada?

— A acusar-me, uma vez queria vencer os tão bons advogados de defesa em que já falei, eu tinha apenas a minha consciência...

— Porquê?

— Porque chega a ser «inconsciência» alguém, conhecendo tão mal o seu lindo idioma como eu, atrever-se a cantar em português, como eu fiz, em frente de público por sua cultura tão justamente exigente, como é os das cidades do Pôrto, Coimbra e Lisboa.

— E diga-me: que conseguiu «alegar» em sua defesa?

— Ora... Limitei-me a cantar como sei... e fui condenada!

— Sim, condenada! Porque os aplausos na capital nortenha, o carinho da cidade universitária e as palmas de S. Carlos... foram a sentença ditada por um público encantador que me condenou à pena de prisão perpétua na «cadeia» cujas portas se abriram de par em par para mim — a cadeia da Saúde em que Portugal me encerrou.

Precisam-se dos n.ºs 7, 8, 9 e 10 do MUNDO GRÁFICO

Resposta à Administração da revista



SEDE NO PÔRTO
Rua do Bonjardim

Venâncio Nascimento

MÓVEIS / DECORAÇÕES



FILIAL EM LISBOA
R. Rodrigues Sampaio

A Lenda da Rainha Margarida

ESTA Lenda é das mais queridas do povo britânico, sobretudo das mulheres sonhadoras, influenciadas decerto pela delicada beleza das brumas que as envolvem.

Conta-se que nos meados do século XI nasceu um filho ao Duque Roberto da Normandia e a Harlette, uma jovem de Falaise. Chamou-se Guilherme o pequeno que devia ser mais tarde o herói desta enternecedora historietta, e, o grande conquistador da Inglaterra.

Cedo se anunciou o digno sucessor do Duque cognominado o «Magnânimo» mas a quem o povo aterrorizado alcunhava de *Diabo*, — quando aos sete anos o Pai o fez reconhecer, solenemente, antes de partir em peregrinação para a Terra Santa. A infância de Guilherme foi agitada.

Refugiou-se na corte de Henrique I de França até que aos dezanove anos vencesse a revolta em que a Normandia lhe prestou vassalagem.

.....
Ainda debaixo de ordem superiores e antes de se emancipar, Guilherme principiou a ser temido pelas proezas que já fizera seu Pai que tanto desgostaram o povo, os nobres e os homens de armas...

Murmurações e clamores iam levantar-se de todos os lados, quando se passou (decerto apenas na fantasia de algum poeta) o que vamos reter: a origem da Rainha Margarida que não chegou a ser rainha visto que na História, é Mathilde, filha de Baudoin, conde de Flandres, (de quem nos ocuparemos, mais tarde) a mulher de Guilherme o Conquistador.

Um dia em que o Duque passeava no campo, deu com os olhos numa paisagem fresca e atraente como fundo de quadro risonho ao seu coração juvenil.

A formosíssima rapariga fiava, sentada à porta da modesta cabana, situada entre as árvores que bordavam um regato... Guilherme quis passar incógnito, a florzinha campestre depressa o reconheceu, e, lhe falou respeitosa-

Meu senhor, disse, tardanos a todos que estejais livre de tutela, pois os vossos barões oprimem e tyranisam o povo. Não é verdade que quando o poder for vosso tereis piedade dos pobres?

O Duque detestava tão cordialmente os barões, quanto se sentia subitamente enlevado na doçura de Margarida. Prometeu-lhe o que ela lhe pedia cheia de razão e de justiça.

Voltou no dia seguinte. Que-ria vê-la e ouvi-la. A sua palavra era branda e firme como êle nunca ouvira outra. Sentia o coração prêso.

A tradição sustenta até que foi nas suas visitas à namorada, que o seu gênio irascível se tornou mais docil.

Guilherme cada vez mais rendido aos seus encantos, não ousava contudo falar-lhe de amor. Um dia porém o encantamento foi tal, que prometeu fazê-la Duquesa. *Não, meu senhor*, respondeu Margarida, *a Normandia não é para mim. Não podeis colocar a coroa ducal em cabeça tão humilde. Preciso de pedir a Deus que Vos dê uma dama rica e nobre, que eu servirei gostosamente. O duque insurgiu-se em promessas e juramentos. Adorava-a. Nobre senhor, tornara a pobre camponesa nunca serei sua. Deixe a minha honra e enriqueça os pobres, não despreze os pequenos, tenha clemência. Tenha a mão bem firme sobre os grandes. Respeite a Igreja, tenha Deus no coração todos os dias da sua vida, e o seu reinado será glorioso.*

A Lenda prossegue:

Um dia — pensava o Duque seriamente no seu próximo casamento com Margarida — uma grande tempestade estalou sobre a região. A mais pavorosa travoadá gelou de horror todos os seres vivos. As torres do Castelo estremeram. O perigo iminente transformou-se em cataclismo. Logo que a forma dos elementos lho permitiu, Guilherme procurou Margarida. Julgou-se vítima de algum pesadelo. Nada existia já. Árvores desenraizadas, ruínas, só rui-

nas. A cabana desaparecera. Margarida também. Guilherme sentia-se enlouquecer de dor. Perdera Margarida para sempre. Morrera? Como?

O pobre Duque buscou então incansavelmente qualquer vestígio da encantadora rapariga que o acompanhara pela vida fora, como doce recordação do seu mais pufo amor.

Viu por terra uma flôr delicadamente arrendada, cor de rosa e meiga. Apanhou-a pela raiz, aconchegou-a ao coração e transplantou-a para o jardim do Castelo em lugar seguro. Acarinhava-a amorosamente, espreitava-a cuidadosa e regava-a freqüentes vezes.

Que saúde funda o torturava!

Ao constatar que a flôr se tornava cada vez mais bonita. Guilherme deu-lhe o nome de *Margarida* e pediu ao povo que a venerasse como lembrança da sua amiga e defensora.

Bertha Leite

AS INDIGESTÕES CAUSAM INSÓNIAS

Só, quem tem a infelicidade de sofrer de indigestões, pode compreender o horror que são as insónias que elas provocam.

As voltas na cama, horas seguidas, sentindo a garganta queimada pela azia, as palpitações desordenadas do coração, etc.

Há, porém, um excelente remédio para facilitar as digestões e acabar com todos estes tormentos. São as *Pastilhas Digestivas Rennie*. Chupam-se duas *Pastilhas Rennie* depois das refeições e, o trabalho digestivo, faz-se sem causar o mais leve incômodo.

As *Pastilhas Rennie* contêm anti-ácidos que fazem desaparecer a azia; absorventes que suprimem a flatulência; e fermentos que facilitam a digestão. Para tomar as *Pastilhas Rennie* não é necessária água: metem-se na boca e chupam-se como os caramelos. A saliva, à medida que é engulida, vai servindo de veículo aos seus componentes, conservando-lhes toda a sua força e propriedades que não são diluídas pela água. Duas *Pastilhas Rennie* acabam com as dores de estômago em 5 minutos. Vendem-se em todas as farmácias.

COMO CONSEGUI DESEMBARAÇAR-ME DAS MINHAS RUGAS e parecer 10 anos mais nova



Leia esta carta surpreendente de Mlle. C., de Paris

«Um dia olhando para o espelho, disse a mim mesmo: — «Minha querida começa indiscutivelmente a envelhecer». Vi pequenas rugas em volta dos meus olhos e da minha boca, e rugas já profundas sobre a minha testa. Por acaso li um artigo sobre o Creme TOKALON, Alimento para a pele — com Biocel — e sem acreditar muito, tomei a decisão de o experimentar, por simples curiosidade. Imagine a minha surpresa quando, ao fim de dez dias, começavam a felicitar-me pela minha tez fresca e clara. Fiquei tão agradavelmente surpreendida que continuei. Em seis semanas, mais ou menos, o resultado foi verdadeiramente maravilhoso. Todas as linhas e rugas tinham desaparecido».

IMPORTANTE: — Empregue todas as noites antes de se deitar o Creme TOKALON, Cór de Rosa, Alimento da pele. Contém o Biocel — elemento natural da juventude — descoberta admirável dum célebre professor da Universidade de Viena. Para de dia empregue o Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso). Alimento da Pele, a-fim-de tornar a sua pele clara, fresca, isenta de pontos negros, de imperfeições e de poros dilatados. Felizes resultados são garantidos, caso contrário devolvemos o dinheiro. A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o Depósito Tokalon. Rua da Assunção, 88 — Lisboa — que atende na volta do correio.

Para
conhecer
Portugal
consulte
a E. P.

Informações:
em todas as estações

— em Lisboa, no serviço do
Tráfego — Telefone 24031

— no Porto, na estação de
S. Bento — Telefone 1722



CINEMA

O potencial aeronáutico dos Estados Unidos é posto em relêvo numa das maiores revelações cinematográficas do ano: «O Bombardeiro»

UM ALVITRE DOS AVIADORES DA «RAF»

A estreia dum filme em pleno "raid"

Alguns dos mais destemidos aviadores da R. A. F., que há pouco foram destacados para reforçar os contingentes sob o comando de Cobber Kain, tiveram uma idéia que, a ser viável, não pode deixar de ser considerada uma das mais deliciosas bizarrrias cinemáticas desta guerra. A idéia consiste em realizar a estreia de um filme a bordo de um dos seus gigantescos bombardeiros, no momento em que estiverem sobrevoando a Alemanha...

O Corp. Robert Hollingshead, interpretando o desejo de todos, tomou a iniciativa de escrever a Tyrone Power uma carta, datada de Cambridge, em que formulava este pedido: cedência da primeira cópia do filme «A Yank in the R. A. F.» (*Um Americano na R. A. F.*), que Darryl F. Zanuck produziu, ultimamente, para a Fox, com a formosa Betty Grable e aquele artista nos principais papéis.

Num dos períodos da carta, o mesmo aviador assegurava que a estreia daquele filme, em pleno vôo, além de constituir um facto inédito ficaria ligado a um acontecimento da mais alta repercussão em todo o mundo... E, entre outros pormenores elucidativos sobre os cuidados postos na exibição do aludido filme, revelava:

«Temos uma excelente aparelhagem sonora e o tempo indispensável para, antes de sobrevoarmos Berlim, admirar a espantosa maravilha da Fox que, sabemos, não se poupou a esforços e sacrifícios para revelar ao mundo os gloriosos feitos dos nossos camaradas de armas durante a batalha de Dunquerque. Recordar esses momentos é procurar, no exemplo de heroísmo que eles nos oferecem, a satisfação de um prazer que só outro pode igualar em alegria: atingir, sem perdas, todos os objectivos que nos foram fixados».

O período final, da carta, resava: «A bordo do nosso avião reunimos muitas «coisas», algumas com carácter oficial, que há muito prometemos, lançar sobre os alemães. Se concordarem, também podemos deixar cair alguns pedaços do filme» — concluiu Kain.

Tyrone Power, abraçando a idéia com

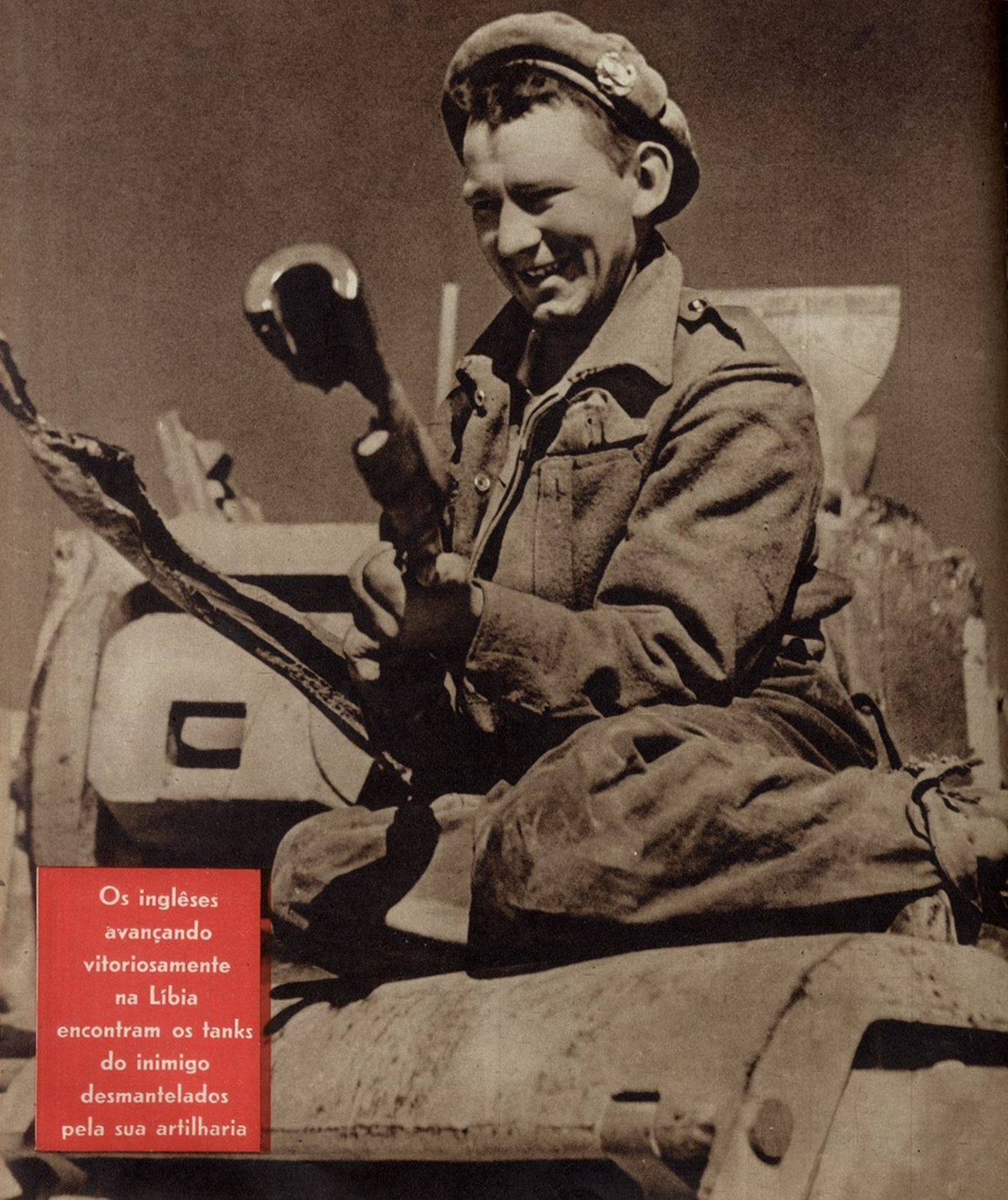
entusiasmo, instou, junto da Fox, para que fosse enviada uma cópia do filme «A Yank in the RAF», cuja estreia, de facto, no ar, prometia ficar ligada à história de um dos mais espantosos «raids» da arma aérea britânica sobre o território inimigo.

António Lourenço



Errol Flynn e Fred Mac Murray numa cena do mesmo filme

MUNDO GRÁFICO



Os ingleses
avançando
vitoriosamente
na Líbia
encontram os tanks
do inimigo
desmantelados
pela sua artilharia